Philip K. Dick (1928-1982) e a visão de mundo implicada em "Identidade Perdida" (Flow my tears, said the policeman), publicado originalmente em 1974

Vittorio Pastelli

a. uma metafísica para Dick

A menos que se faça uma reflexão acerca dos critérios que se usam para considerar algo perceptível e, por extensão, existente no mundo, os textos de Philip Dick não farão, em princípio, sentido. Sua ontologia — talvez o melhor termo para o caso — não é aquela a que estamos acostumados e, assim, ou fazemos um esforço para reconstituir esse novo quadro (esforço que o autor jamais empreende) ou deixamos de lado suas obras como um emaranhado inconsistente de descrições, situações e personagens.

O senso comum considera o mundo como constituído das coisas que "estão lá", ou seja, o mundo existe e existe sem que um observador se faça necessário. Quando saímos de casa, não acreditamos que a casa "deixa de existir" até o momento em que voltamos para ela. Pelo contrário (aliás, muito pelo contrário, se não, para que os seguros?), acreditamos que tudo, fora de nossas vistas, permanece. Se pensássemos diferentemente, viveríamos no mundo que Borges criou em "Tlön, Uqbar, Orbis Tertius", no qual o idealismo é a norma. Nesse mundo, arqueólogos não descobrem objetos, criam-nos, e assim por diante.

No fim de contas, e é isso o que conta para Borges — e para Dick, como veremos adiante —, esse mundo não teria por que ser diferente do nosso. Tudo o que ocorre aqui, ocorre lá. Apenas a explicação quanto ao que existe e ao que ocorre é diferente. Borges vai mais adiante, ao mostrar que, em tal mundo, a linguagem deveria carecer de substantivos. Afinal, se não há objetos "fixos", mas apenas percepções que formam objetos somente no momento em que desejamos (e por que desejamos?. Borges não o explica), não há como existirem substantivos, que pressupõem a existência independente daquilo que nomeiam. Assim, em Uqbar não se diz "a Lua brilhou", mas "luou".

Nosso mundo é diferente, ou, melhor, descrevemo-lo de maneira diferente. Nele, tudo existe, tudo apenas espera para ser observado. Talvez essa seja uma metafísica mais assustadora que sua oposta, na qual não existe nada fora de nós que nos

espreite.

Mas, tirando questões mais abstratas, que, de resto, não ocorrem a ninguém a não ser filósofos que as colocam para, logo em seguida, refutá-las, como se decide que determinado objeto existe de fato? Uma boa saída seria dizer que tal decisão tácita se dá pela intersecção de percepções. Uma cadeira existe à medida que vários observadores concordam que o objeto que ocupa tal e tal posição possui tais e tais características. Naturalmente, essa parlamentação toda é desnecessária: o primeiro a ver a cadeira, senta-se; os outros ficam em pé. Mas é razoável supor que as coisas se deem assim. Algo existe como tal se, tomando o conjunto de percepções de vários indivíduos, a mesma percepção estiver em todos.

Essa reflexão traz duas questões relacionadas. Uma diz respeito à anormalidade. Quem não estiver de acordo com a maioria é tido como anormal. Anormalidade que pode se traduzir em genialidade, no caso de o indivíduo desviante conseguir convencer parcela importante de seus pares (o que não quer dizer a maioria, mas os principais) de que tem razão, ou em debilidade, no caso de o indivíduo ficar isolado em sua diferença.

A outra questão diz respeito a quanto de pessoas devem partilhar uma percepção para que o objeto em questão exista. A partir do que se disse sobre o gênio, objetos podem mesmo não existir e, pouco a pouco, serem criados. Escapar dessa criação de objetos exigiria adotar a linha na qual existiriam objetos nalgum sentido "básicos", que entrariam como blocos formadores em objetos mais complexos, estes sim passíveis de interpretação. Nessa vertente, uma discussão científica sobre se determinado objeto, por exemplo, é ou não um animal, não envolveria, numa transição, a transição de um objeto a outro, mas de uma interpretação a outra do mesmo conjunto básico. Mas, seguindo a linha de Hanson e Kuhn, é impossível, na prática, separar o "ver como" do "ver que". Não existe transição de interpretação, Existe a percepção de A e, após a conversão, a percepção de B, acompanhada do fato de que B jamais fora A.

Naturalmente, nessa linha de argumentação — ou seja, objetos existem como tais a partir do fato de que um conjunto relevante de indivíduos os veja como tais —, vem a questão de quantos e quais indivíduos contam, para conferir certificado de existência a alguma coisa.

De saída, não tem sentido considerar algo como existente apenas se todos puderem vê-lo como tal. Primeiro porque é impossível, mesmo em tese, reunir todos. Segundo porque é evidente que a percepção pode ser educada e o fato de não se

perceber alguma coisa pode significar simplesmente falta de educação específica e não falta de objeto para ver. Assim, não se pode falar em intersecção de todos os conjuntos de percepções. No outro extremo, pode ser que o objeto exista, no início, apenas porque faz parte do conjunto de percepções de um só indivíduo (o nosso gênio). Pior: se o gênio não puder transmitir seu conhecimento a outros, se ele morrer antes de dar ao mundo sua revelação, então um objeto terá existido (e existe, se o gênio deixou algum registro dele, ainda não encontrado) sem que ele faça, no momento, parte de nenhum conjunto de percepções.

Esses limites mostram que a ideia de existência como intersecção é insustentável. Não pode ser intersecção a partir de todos e pode, no limite, ser intersecção nula.

A saída usual é considerar que, para objetos próximos (os que Quine chama de objetos de tamanho médio, a velocidade média), valem as regras da vida prática. Uma cadeira existe se todos na sala a virem como tal. Se o objeto se desviar um pouco do que se considera normalmente uma cadeira, decisões puramente práticas (para que serve? ou para que poderia vir a servir?) entrarão em cena para fechar a questão. No máximo, o novo objeto ganhará o nome de cadeira, seguido de algum adjetivo.

Para objetos distantes da vida prática, vale a opinião de especialistas. Entre esses dois domínios não existe barreira clara. Quine mostra mesmo que objetos comuns são, em certo sentido, construídos e acordados. Mas para fins práticos, existem dois núcleos distintos de objetos.

Dick propõe uma nova saída: um objeto existe se houver alguma percepção dele. Noutras palavras, existência não está ligada à ideia de intersecção, mas de união. Numa frase: tudo o que alguém percebe, existe.

Talvez, a situação do mundo real não seja muito diferente disso. Talvez o mundo real seja compatível com essa maneira de ver. Todo objeto, mesmo os médios de Quine, existem segundo uma tensão: existem se um grupo, ou se uma só pessoa, mas influente, afirma que o objeto em questão existe. Suponha um indivíduo que chegue, vestido de branco e em um bom automóvel, a uma pequena cidade. Se sua aparência estiver dentro do fenótipo da classe média e alta, ele será tido como médico. Suas ações serão todas interpretadas segundo esse ponto de partida. Se, num dia frio, ele se recusar a tomar um sorvete, isso se deverá a altas considerações e não a conselhos familiares triviais, que qualquer um ouve em casa. Mas ele pode ser apenas um paciente que se veste de branco por questões particulares (pode ter "complexo de sorveteiro") e veio se

consultar com um grande psiquiatra que vive na cidade. O grupo da clínica psiquiátrica o vê como paciente. Ele, o objeto, é médico ou paciente? Depende de quem o estiver vendo, e da influência do grupo que emite o veredicto. No limite, mesmo o psiquiatra pode ser convencido de que o louco é, na verdade, um inspetor médico disfarçado e, assim, dependendo da negociação, o objeto se bandeia para um ou para outro grupo. Enfim , o exemplo mostra que, mesmo numa situação na qual não é exigido conhecimento profundo, um mesmo objeto pode ser visto diferentemente por grupos diferentes e, no caso de os grupos se encontrarem, não existe solução pacífica para a questão de o que seja aquele objeto ou de se ele existe (se o homem for louco, pode-se dizer que o médico não existe. Se ele for um inspetor, pode-se dizer que o louco nunca existiu, que foi uma ilusão).

Se as coisas podem ser assim (na prática, a bem da verdade, nunca o são. Apenas podem ser.), então basta que alguém muito influente perceba algo para que esse algo passe a existir. E não só para quem percebe, mas para todos os ligados a essa pessoa, pois, como dito acima, sempre está em jogo a questão do convencimento.

Contra esse pano de fundo, poder-se-ia pensar em uma droga que potencializasse essa característica. Quem a tomasse passaria a inventar coisas para si e para os outros. A questão metafísica, que só nos ocorre nas horas de depressão, sobre se existimos ou não, ganharia outra dimensão num mundo assim construído. A vida passaria a ser realmente um pesadelo. Esse é o mundo de Dick. Nele, uma droga seria capaz de pular essa fase do convencimento: se, ao tomar a droga, alguém percebe alguma coisa, então todos a percebem assim. Se a droga perde o efeito, tudo volta ao que era antes, o que não é equivalente a voltar ao normal, já que, nesse mundo, não tem mais qualquer sentido falar em situação normal.

b. enredos de ficção científica

FC é um gênero que tem por característica desperdiçar cenários. Uma trama policial, como "O gato que atravessa paredes", de Heinlein, precisa como cenário todo o universo e, como tempo de ação, toda a eternidade. Mesmo novelas menos pretensiosas abusam do direito de colocar planetas e sociedades inteiros em jogo, unicamente para decidir se A casa-se ou não com B, se A encontra ou não seu pai perdido, se A pagará ou não pelo crime de ter matado B etc., etc., etc.

Esse é um aspecto do qual se queixa Stanislaw Lem, esse descompasso entre objetivos e cenário, entre trama e suporte para trama. Lem nota que os autores de FC

tendem a reduzir tudo a proporções caseiras. Asimov, na trilogia "Fundação", mostra como se desenvolve toda uma galáxia por séculos a fio, com os protagonistas podendo viajar de um canto a outro com naves que alcançam velocidades superiores à da luz etc., e, mesmo assim, o máximo que consegue fazer é povoar toda uma galáxia com famílias norte-americanas da década de 40. As incríveis consequências de um espaço que já não representa barreira, de um tempo que perde seu significado profundo não são de forma alguma exploradas. Tudo poderia se passar com os personagens atravessando ruas para se reunirem. Mas o toque FC exige que as ruas tenham anos-luz de largura. Logo, as faixas de pedestres têm de ser cobertas por naves espaciais que se deslocam no hiperespaço. Enfim, tudo isso são apenas nomes, nomes vazios. Nenhuma implicação mais inteligente acontece entre tecnologia e indivíduos, entre possibilidades técnicas e alterações que estas possam trazer à percepção.

Essa estreiteza justifica a crítica de Kurt Vonnegut, para quem os autores de ficção científica escrevem para adolescentes e povoam seus livros apenas com heróis adolescentes. Enfim, a FC apresenta um futuro que pode ser manejado perfeitamente por alguém do presente, sem qualquer necessidade de evolução. É curioso aqui pensar em Buck Rogers, quem, depois de um sono de 500 anos, é despertado e, em minutos, tem um plano para salvar a cidade sitiada em que se encontram seus descobridores. "Tive uma ideia", diz. E a ideia funciona. 500 anos jogados no lixo.

É nesse ponto que Dick se destaca. Ele procura fazer com que a trama aconteça entre personagens que vivem no futuro e pensam como pessoas que vivem no futuro (ou leitores que vivem em um certo tipo de mundo, de resto muito parecido com o nosso, e seguem as regras daquele mundo). Para nós, os leitores, que lemos o relatório que constitui o livro, algumas explicações das ações dos personagens parecem esquisitas, mal construídas. Mas isso se deve apenas a que elas são explicações trivialmente aceitáveis apenas para quem viva no futuro mostrado pela obra, não no nosso presente.

Essa característica acaba dotando o autor de duas leituras diferentes. Se se quiser, uma dada narração pode ser lida como um conto policial. Se não, como uma genuína peça de ficção científica. A popularidade do autor repousa nessa possibilidade de dupla leitura. Afinal, não se deve esperar que o público de FC distinga bons de maus enredos, tramas mais e menos profundas. Dick sabe preencher suas especulações com muita ação, e ação trivial, do tipo que os leitores de FC apreciam. Talvez, além dos contatos metafísicos, Dick tenha outro ponto em comum com Borges: é mais festejado

que entendido.

Mas isso não nos deve levar a pensar que Dick é um construtor inteiramente consciente de seus artifícios. Basta ler o texto "De onde é que tiro minhas histórias", para ver que ele apenas coloca no papel coisas que para ele parecem naturais, encadeamentos exóticos que lhe parecem perfeitamente lógicos. É claro que a contrapartida dessa reflexão é que esta reconstrução possa ser vista apenas como a caridosa tentativa de salvar um autor confessadamente medíocre, criador de narrativas pobres de encadeamento e consistência. Mas, mesmo que seja assim, mesmo que essa seja apenas uma visão piedosa, o Dick reconstruído aparece como uma grande autor...

c. identidade perdida

A ação se desenvolve em 1988, 14 anos portanto no futuro, com relação à época de publicação da novela.

Os EUA são parte de um estado policial mundial. Não se fala em política. Existem apenas as pessoas que vivem normalmente, desenvolvendo-se em suas respectivas atividades, imersas num estado onde o controle sobre o cidadão é total. Mas a ninguém ocorre que tal situação é opressiva. A liberdade é um conceito que depende de época. Para esses norte-americanos do futuro, poder exercer uma atividade, ganhar a vida, divertir-se, é tudo o que se espera que o Estado forneça.

Anos antes da ação, houve uma guerra civil, movida principalmente por estudantes (cinco anos antes, dez mil foram mortos, por ordens militares, na Universidade Stanford). Agora, as universidades são campos de concentração, onde estudantes incógnitos se escondem sob os escombros do que restou dos prédios de antes. São talvez menos campos de concentração que zonas livres. A polícia os mantêm cercados, impedidos de sair, e faz vista grossa para a eventual ajuda que recebem do exterior. Punição, nesse meio, é ser mandado para campos de trabalhos forçados.

É nessa Los Angeles, de 30 milhões de habitantes, a maior cidade dos EUA, que Jason Taverner mantém um show de TV muito popular. Um dia, ao terminar o show e tomar seu carro voador, é chamado por uma ex-amante, que pede para vê-lo com urgência. Vai ao encontro dela e é atacado com uma arma que se constitui de uma gelatina com tentáculos. Esta se crava no peito de Taverner e os tentáculos começam a comê-lo por dentro.

Acorda não num hospital, como imaginara, mas num quarto de hotel mal frequentado. Percebe que está sem seus documentos e sabe que, se sair à rua sem eles,

será inexoravelmente preso. Cidadania é igual a poder provar à polícia, a qualquer momento, que se é um homem cadastrado. Só isso.

Pede então ao porteiro do hotel que o leve a algum falsificador de documentos. Ele chega a uma moça meio louca que lhe faz um conjunto completo. Mas ela diz que é, na verdade, da polícia, que faz o que faz para poder ter seu namorado libertado e que a polícia a paga para falsificar documentos para potenciais criminosos a fim de poder persegui-los e prender seus cúmplices. Simpatiza com Taverner e retira os microtransmissores de seus novos documentos.

Mas isso não o impede de ir parar numa delegacia e de ter seus documentos presos para exame posterior. Aí entra o general Felix Buckman, que dirige a polícia de Los Angeles e se interessa por acaso por Taverner. Buckman tem uma irmã com quem mantém uma relação incestuosa, irmã que, apesar de gêmea, é a antítese de Felix: Alys é louca, desordenada, um feixe de sensações preso num eterno presente. Quando Taverner sai do prédio da polícia, Alys o leva para a casa dela e lhe oferece uma droga. Ele a toma e se sente mal. Quando vai procurar por Alys, ela está morta. Ele a vê como um esqueleto.

Taverner foge e, estranho, começa a notar que sua identidade volta. Começa a ser reconhecido na rua, as pessoas lhe pedem autógrafos etc., coisa que ontem sequer imaginava. Vive a tarde do segundo dia de sua vida de estranheza, que começara no hotel sujo, na manhã anterior. Vai para a casa da namorada, que no dia anterior não fora capaz de reconhecê-lo e lá fica sabendo que Alys está morta (que a alucinação foi apenas quanto à aparência do cadáver).

Buckman acusa Taverner da morte, mesmo sabendo que ele não é o culpado, que Alys morreu de overdose de uma nova droga. Taverner é pego e Felix vai para casa. No caminho, sente a necessidade de falar com alguém, de ser percebido. Abraça um estranho.

Dick coloca um epílogo inteiramente ad hoc, para mostrar qual o destino dos personagens: Taverner é liberado da acusação, Felix se aposenta etc.

A explicação da trama está em que Alys, tendo acesso às novas drogas experimentadas pela polícia, ingeriu uma dose de KR-3. Quando ela a tomou, fez com que Taverner passasse para um novo universo de percepção, no qual ele não existia como Jason Taverner, o famoso cantor e apresentador de TV. Todos os que participam do universo de Taverner passam com ele. Quando Alys morre, Taverner volta ao universo

em que é conhecido, seus discos, antes em branco, começam a tocar, as pessoas o reconhecem, sua ficha reaparece nos arquivos policiais. O peso dessa explicação é o que, no fim de contas, apavora Buckman, e o leva a procurar um estranho qualquer na rua. Quer ter certeza de que existe, de que não vive o sonho de outro, a viagem de alguém mais que tomou KR-3 e o transformou num policial. A existência dessa droga destrói por completo o universo, contamina tudo o que existe, e o que não existe também. A simples existência disso faz com que identidade se torne algo sem sentido. E essa sensação é profundamente vivida pelos personagens da novela, não é apenas um suporte para uma história policial. Nisso está a grandeza de Dick.

Autores citados:

Philip Dick - Identidade Perdida
W. V.O. Quine - Word and Object
Jorge Luis Borges - Ficções
Isaac Asimov - Fundação
Kurt Vonnegut - Vários (ele faz crítica à FC em seus livros sempre que usa o personagem Kilgore Trout)
Stanislaw Lem - Microworlds